



ENSAIO / A ficção política de Ivan Angelo/ por Edney Cielici Dias /
Até a violência é hoje ostentação/ por Ivan Angelo /
ENTREVISTA/ Juan Manuel Marcos/ por Douglas Diegues /
FICÇÃO/ Don Juan da Casa Verde/ por Luiz Roberto Guedes /
POP-POEMA/ La hija de Thor / por Oleg Vysokolan /
LENDA/O nascimento da noite/ por Mônica Rodrigues da Costa e
Paula Medeiros de Oliveira & Mais



Nº 1 ABR.2021

NDIIIIIIIRA!



**ESCRITAS INUSITADAS
LITERATURAS DANADAS**

Copyright © 2021, VENTILADOR LITERÁRIO

A publicação *VENTILADOR LITERÁRIO* traz compilação de textos publicados no site da VENTILADOR LITERÁRIO em dado período. Não possui, a princípio, periodicidade. Cabe a ela expressão guarani *ojerá*, ou seja, algo brota espontaneamente dado o curso das coisas.

A propriedade intelectual dos textos pertence aos autores. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência dos autores e da VENTILADOR LITERÁRIO. O site *ventiladorliterario.com* tem como idioma predominante o português, mas também publica textos em *castelhano*, *portunhol* e *portunhol selvagem* (isto é, com incorporação de palavras indígenas). Essa característica se reflete nesta publicação.

VENTILADOR LITERÁRIO - NÚMERO 1 - ABRIL DE 2021

Editores: Douglas Diegues e Edney Cielici Dias

Projeto gráfico: Mario Kanno

Logotipos: Marisa Nachif

ventiladorliterario.com

Contato: ventiladorliterario@gmail.com

Sumário

APRESENTAÇÃO/.....	3
O giro do ventilador	3
PARTICIPANTES NESTE PROJETO	5
Os que se encontram nesta aventura	5
EDITORIAL CONCRETO/.....	8
ENSAIO/EDNEY CIELICI DIAS	9
A ficção política de Ivan Angelo traz uma atualidade inquietante e desoladora	9
ENSAIO/ COMENTÁRIO/ IVAN ANGELO/	15
Até a violência é hoje ostentação	15
PERFIL/ JUAN MANUEL MARCOS/DOUGLAS DIEGUES	23
“Admiro no escritor a coragem para dizer e defender a verdade”	23
POESIA/ JUAN MANUEL MARCOS	32
<i>Julio Iglesias</i> e outros poemas	32
FICÇÃO/ CONTO/ LUIZ ROBERTO GUEDES /	42
<i>Don Juan da Casa Verde</i>	42
POESIA/ POP-POEMA SELVAGEM/ OLEG VYSOKOLAN/	48
La hija de Thor	48
La filha de Thor	53
ENSAIO/ LI E ANOTEI/ GRACILIANO RAMOS/EDNEY CIELICI DIAS	57
Liberdade e disciplina de escrever em uma página de Memórias do Cárcere	57
PERFIL/ GUARANIA/CRISTINO BOGADO	61
Os cem anos de uma revista cultural paraguaia	61
CATA-VENTO/ LENDA/ MÔNICA RODRIGUES DA COSTA /PAULA MEDEIROS DE OLIVEIRA	64
O nascimento da noite	64
CATA-VENTO/ POESIA/ MÔNICA RODRIGUES DA COSTA.....	70
E PAULO PEDRO P. R. COSTA	70
<i>O Salto do Jaguar</i> , um poema para adultos e crianças.....	70

APRESENTAÇÃO/

O giro do ventilador

O **VENTILADOR LITERÁRIO** é um projeto literário e de artes afins em que escritas inusitadas e literaturas danadas encontram abrigo e difusão. Nosso intuito é estabelecer pontes de difusão e colaboração partir da América Latina, possibilitando que se tenha visão do que é produzido no Brasil e nos países próximos, em seus diálogos com a literatura sem fronteiras.

Os autores, ao participarem do projeto disponibilizando seus escritos e fomentando eventos, são parte ativa dessa congregação cultural periferia-periferia antropofágica a reinterpretar o papel das metrópoles culturais.

Acolhemos autores de mérito artístico, mas não necessariamente conhecidos pelo grande público. Assim, prestamos um serviço aos leitores e autores, ao tratar de nomes e temas que, em geral, não estão na pauta da imprensa.

O site *ventiladorliterario.com* divulga produção poética, ficcional, resenhas críticas, ensaios, bem como conteúdos jornalísticos de interesse. Estamos comprometidos com a produção qualidade. Buscamos a excelência editorial paralelamente à sustentabilidade de nossas operações.

Colocamos em prática duas iniciativas complementares:

- (i) Mantemos o site de acesso gratuito, que tem o objetivo central de divulgação dos trabalhos e de ativação de redes culturais de cooperação;
- (ii) Somos uma editora voltada à produção de livros contemporâneos e clássicos. Publicamos esta publicação não-periódica, a *Ventilador Literário*, que concentra o conteúdo publicado no site em dado período.

Tendo em vista suas características multiculturais e de metamorfose da língua, o site traz textos em *português, castelhano, portunhol e o portunhol selvagem*, isto é, com contribuições indígenas.

PARTICIPANTES NESTE PROJETO

Os que se encontram nesta aventura



COLABORAM NESTA EDIÇÃO

EDITORES

Douglas Diegues: poeta e pesquisador de linguagens. É autor de diversos livros, entre eles *Dá Gusto Andar Desnudo por Estas Selvas* (Travessa dos Editores, 2002), *El Astronauta Paraguayo* (Yiyi Jambo, 2007) e *Triple Frontera Dreams* (Eloísa Cartonera/Interzona). É co-organizador de **Kosmofonia Mbyá Guaraní** (2006).

Edney Cielici Dias (editor-geral): poeta, escritor e jornalista, é economista, mestre e doutor em ciência política pela Universidade de São Paulo. É autor de *Cartas da Alteridade* (Selo Demônio Negro, 2020).

CONSELHO EDITORIAL

Ivan Angelo: romancista, contista, cronista, jornalista, é autor, entre outros, de *A Festa* e *A Casa de Vidro*. É um dos expoentes maiores da ficção brasileira.

Jorge Kanese: fundador da poesia de vanguarda no Paraguai. É autor de *Paloma Blanca Paloma Negra*, entre outros.

Léonce W. Lupette: escritor e tradutor franco-alemão. Publicou os poemários */Einzimmerspringbrunnenbuch /* (com T. Amslinger, 2009), */a|k|va|res /* (Felicitá Cartonera, 2010), */Tablettenzoo /* (Luxbooks, 2013) e */Äkste & Änkste denxte /* (Fadel & Fadel, 2017). Traduziu, entre outros, John Ashbery, John Berryman e Hölderlin.

Mario Kanno: artista gráfico, ganhador de vários prêmios nacionais e internacionais.

Mônica Rodrigues da Costa: escritora, jornalista e professora. Autora de quatro livros de poemas, como *Perda Total* (Editora de los Bugres, 2019) e de livros para crianças, como *O Aprendiz de Feiticeiro* (2006).

Pedro Granados: poeta peruano, PhD em Hispanic Language and Literatures pela Boston University. Especialista na obra de César Vallejo. Poemários recentes: *Amerindios/Amerindians* (2020) e *La mirada* (2020). Seu ensaio *Trilce/Teatro: guión, personajes y público* ganhou o Prêmio Mario González da Associação Brasileira de Hispanistas (2016). Atualmente, preside o Vallejo Sin Fronteras Instituto (Vasinfín).

Sylvio Back: cineasta, poeta, roteirista e escritor. É autor, dentre outros, dos livros de poesia erótica *O Caderno Erótico de Sylvio Back*, *A Vinha do Desejo*, e *Quermesse* (obra reunida). Acaba de receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Santa Catarina por sua obra cinematográfica e literária dedicada à arte e à cultura brasileiras.

COLABORADORES

Augusto Munaro: escritor, poeta, tradutor, editor e jornalista argentino. Publicou mais de 20 livros, entre eles *El busto de Chiara* (2018), *Las Cartas Secretas de Georges de Broca* (2019), *Los soñantes* (2019), *El Rapto de Helmut Kelsen* (2020), *Un Misterio Luminoso* (2020) e *El sueño de un poema* (2020).

Cristino Bogado: escritor paraguaio, autor de livros de poesia, como *Mi Yo Es Un Yopará* (2011), narrativa (*Pindó Kuñakaráí*, 2018) e outros gêneros relacionados ao ensaio (*Amor Karaiva*, 2010). Escreve colunas em *El Trueno* (jornal digital) e resenhas no *ABC Color*, de Assunção.

Gabriel Chávez Casazola: poeta e jornalista boliviano. É um dos curadores de literatura da Feira Internacional do Livro de Santa Cruz de la Sierra.

Guillermo Sequera: etnomusicólogo e fotógrafo paraguaio, é co-organizador do livro *Kosmofonia Mbya Guaraní*.

Jesús Montoya: poeta venezuelano, é mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de São Carlos. Publicou *Las Noches de Mis Años* (Monte Ávila Editores, 2016, Prêmio de Obras para Autores Inéditos), *Hay un Sitio Detrás de los Incendios* (Valparaíso Ediciones, 2017, Premio Hispanoamericano de Poesía Francisco Ruiz Udiel) e *Rua São Paulo* (Fundavag Ediciones, 2019, Prêmio Franco-Venezolano a la Joven Vocación Literaria).

Jota Marini (Julio Gonzalez): artista gráfico, pintor e gravador paraguaio residente em Madri.

Luiz Roberto Guedes: escritor, publicou recentemente os poemas de *Erosfera* (Lumme Editor, 2017) e os contos de *Como ser Ninguém na Cidade Grande* (Penalux, 2018). É autor de livros voltados ao público infantil, como *Anjos do Mar – O Tesouro da Ilha dos Golfinhos* (Saraiva, 2002) e *Armadilha para Lobisomem* (Cortez, 2005), *Planeta Bicho – Um almanaque animal* (Formato, 2011), entre outros.

Marisa Nachif: designer gráfica e ilustradora.

Nelson de Oliveira é escritor e coordenador de oficinas de criação literária. Publicou os romances *Gigante pela Própria Natureza* e *Subsolo Infinito* e as coletâneas de contos *Vinte & Um* e *Às moscas, Armas!*, entre outras obras. Venceu duas vezes o Prêmio Casa de las Américas, em 1995 e 2011.

Oleg Vysokolan: poeta e escritor paraguaio, é antropólogo, criador do Mbatobeat. Escreveu *La Traición de Papa Réi: 500 Años de Resistencia*. Esconde-se em meio às selvas de Mbatovi, na exuberante região de Paraguari, a mais ou menos 50 km de Assunção.

Paulo Leite: fotógrafo, com trajetória em diversos veículos de imprensa (*O Cruzeiro*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, revista *IstoÉ*) e publicações especializadas. É um estudioso da fotografia, tendo participado de diversas exposições nas últimas décadas.

Paulo Pedro P. R. Costa: psicólogo com especialização em saúde pública e acupuntura, é autor e coautor de poemas e de literatura para crianças, sobre animais, na ótica da etnozootologia e da antropologia estrutural.

Vasco Silva: editor português, trabalhou em prestigiadas editoras, onde foi responsável editorial pela publicação de cerca de mil títulos. É autor de mais de duas dezenas de antologias, entre outras *Índice das Cousas Mais Notáveis - Padre António Vieira* (Babel, 2010) e *Não Cites Pessoa em Vão* (E-Primatur, 2018). É diretor da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL).

EDITORIAL CONCRETO/

EDITORIAL MARÇO 2021 / FICÇÃO POLÍTICA E AFICÇÃO DA POLÍTICA / OSTENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA / DIGNIDADE DO ESCRITOR / JULIO IGLESIAS É UM CARABACANA / VCR COMPRADO COM MASTERCARD / LIBERDADE E PREGUIÇA DE ESCREVER VELHO GRAÇA / UMDONJUANA CASA VERDE / THORNOPARAGUAI / GUARANI A TERRA PROMETIDA / ANO ITENASCE O DIANÃO MORRE / BRINQUE COM O LEOPARDO / PARA TODA DÍGRAÇA UM GRAÇA / INFERNO ANGELO / !NE'A ÑAMEMBYRÉ! NDERA ¡CHE KAPELU! /

ENSAIO/EDNEY CIELICI DIAS

A ficção política de Ivan Angelo traz uma atualidade inquietante e desoladora

Publicados na década de 70, *A Festa* e *A Casa de Vidro* são livros em que o autor parte do olhar político na construção dos personagens e das tramas



[Ilustração: Douglas Diegues]

Edney Cielici Dias

Ivan Angelo, nascido em Barbacena no ano de 1936, está firme e forte. Encontra-se ultimamente isolado em seu sítio no interior fluminense, na companhia de sua mulher,

Terezinha, e da filha Carol, uma graça de apenas cinco anos. Sua trajetória na literatura brasileira é reconhecida com diversos prêmios e traduções no exterior, mas sua obra ainda está a merecer reflexão e difusão mais qualificadas. Ela revela significados renovados no tempo e, nesse sentido, é clássica. E um clássico deve ser reconhecido como tal.

Bruta pandemia. Faz falta a presença física de Ivan aqui em São Paulo, nos cafés com os amigos nas Perdizes, em que se podia desfrutar sua curiosidade viva e sua tranquila amizade. Com seu jeito simples, parece se situar mais no plano do cotidiano do que no da literatura, da qual ele mantém enigmaticamente alguma reserva. Certamente por bem conhecê-la e, sobretudo, por exercê-la como bem poucos. E assim ele se coloca em relação ao tema, com um recato modestamente mineiro.

Tempos atrás, consegui uma primeira edição de *A Festa*, da extinta Vertente Editora, aqui também de Perdizes, que veio a lume nos idos de 1976. O autor, em sua dedicatória feita décadas depois, escreveu: “Edney, que bom ter você como leitor deste livro que continua valendo. Você dirá”. Pois bem, neste artigo agora digo. E a resposta fica completa com a leitura de *A Casa de Vidro*, de 1979, lançado pela Livraria Cultura Editora.

Os dois livros merecem ser lidos em sequência, pois exprimem uma ficção política do Brasil pós-64. Essa descrição superficial, no entanto, pode sugerir um tema de

época, talvez com algum paralelismo aos atuais arroubos totalitários insepultos e reinantes no Brasil. Seria dizer mal e pouco, contudo.

Para abordar esses dois volumes, cabe questionar o que significa “ficção política”. Ela não se restringe, no caso específico, a uma trama política estrita, mas às relações políticas e sociais retratadas no processo de construção das personagens. Pode-se dizer que isso ocorre em três dimensões, como forma de decompor a narrativa aguda, singular, do escritor.

A primeira dimensão é a da diferença de status entre as personagens, a contraposição de famélicos, pretos, pobres com a “gente de bem”, isto é, as famílias carolas, os dirigentes empresariais, a burocracia de Estado, os agentes da repressão.

A segunda, a do sexo como expressão obsessiva e cármica, que perpassa da elite ao *bas-fond*, a igualar o cio do rico, do remediado e do desvalido em explosões e arroubos reprimidos.

A terceira dimensão é a da violência propriamente dita, a demarcar e a preservar as posições sociais. Há uma ideia de luta de “classes”, mas esta não pode ser resumida no embate econômico de exploradores e explorados. Na sociedade intrincada e complexa, os grupos se interconectam, estabelecem formas brutais ou sutis de dominação, divisões e alianças.

Por exemplo, em *A Festa*, uma multidão de retirantes chega de trem a Belo Horizonte fugindo da seca inclemente. Eles são recebidos pelo aparato policial, que tem a missão de mandá-los de volta para a fome, para o inferno, para lugar nenhum.

No mesmo livro, a jovem Andrea, beldade da classe média, não percebe que cai na armadilha da alta sociedade mineira, que a admira para torná-la escrava da bajulação e submissa a seu julgamento impiedoso. Isso se expressa no trecho abaixo:

As primas de Belo Horizonte apresentaram a moça à boa gente mineira; gente delicada, sentimental, vagarosa, prestativa, envolvente, mítica, organizada, mesquinha, maldosa. Andrea entrou num círculo de gente rica demais para ela, um grupo acostumado demais – e entrou desprevenida. As pessoas se conheciam o bastante para não se confiarem, seus contatos eram cautelosos, jeitosos. Ela trazia o quê? Era pouca coisa para opor a um grupo acostumado, e deixar-se fascinar foi seu primeiro erro. (A Festa, pág. 52).

Ao mesmo tempo, são esmiuçadas a brutalidade e a sutileza dos poderosos; as lentes de José Américo de Almeida e de Balzac são apropriadas pelo autor em contextos de poder específicos.

Nessa sociedade de alto conflito, o sexo é onipresente e opressivo. Em *Casa de Vidro*, o desejo irrefreado atormenta um executivo paulista, que vaga pela cidade sem sossego, ao sabor do cheiro das fêmeas. Ele consegue realização apenas ao ludibriar os operários, como se seu gozo só se materializasse em algo espúrio.

Na narrativa *O verdadeiro filho da puta*, no livro, Betinha, a puta, procura o filho verdadeiro trocado na maternidade e, acima de tudo, a sua razão de ser no mundo. Ela tem consciência de que tem uma função social – dar prazer àquela gente toda –, mas é desprezada. Por que ser vista como pária, por que a cadeia, por que o sadismo? Por quê? Vítima da violência velada e da literal, a personagem fala e mete, mete e fala freneticamente. Ela desabafa sem parar e não encontra respostas. Apenas as intui.

Os dois livros retratam uma época. Não envelheceram – antes, renovaram-se. Em um contexto de insurgência autoritária, o trecho abaixo pode ser lido com atualidade amarga:

Toda insubordinação deve ser punida! É o professor que em vez de professorar está duvidando, é o artista que em vez de pintar o Belo pinta o Feio, é o filósofo que em vez de pensar, fala; é o trabalhador que em vez de produzir, discute; é a dona de casa que usa a panela para fazer barulho em vez de comida, é o estudante que não estuda – tudo que não produz, que leva à dúvida, à frustração e à

insubordinação deve ser capado! (A Casa de Vidro, pág. 194).

Os livros, em conjunto, ajudam a compreender uma sociedade que migrou da pudicícia hipócrita para a ostentação sem limites do corpo; de uma violência acobertada para a brutalidade generalizada. Passados tantos anos, soa irônico que os extintos comunistas ainda sejam os inimigos da “gente de bem”. E a história segue em busca do próprio rabo, para além de vãs teorias.

ENSAIO/ COMENTÁRIO/ IVAN ANGELO/

Até a violência é hoje ostentação

Autor comenta ensaio nesta edição sobre seus livros *A Festa* e *A Casa de Vidro*, ficção política editada nos anos 70



[Foto: Reprodução]

Ivan Angelo

Edney, caríssimo.

Antes de mais nada, obrigado pela caprichada leitura, como se deve: aproximando, ligando, interpretando, questionando, relacionando, descobrindo. É prêmio, isso. [Ver ensaio nesta edição]. Você vê muito bem que na sociedade representada “grupos se interconectam, estabelecem formas brutais ou

sutis de dominação, divisões e alianças”. É bem isso. Ali onde você aponta uma luta de “classes”, com aspas, isto é, não ideológica clássica, eu pretendi (inclusive no episódio que se chama ironicamente “Luta de classes”) significar que há na sociedade brasileira uma luta de poderes, não especificamente de classes. Não é só o dinheiro que divide. Principalmente em *A Casa de Vidro* eu quis falar das opressões brasileiras, além daquela de classes, ou mais profundamente do que ela. Opressão do rico sobre o pobre, do forte sobre o fraco, do homem sobre a mulher, do culto sobre o inculto, do morador sobre o sem-teto, do sadio sobre o incapaz, do burocrata sobre o requerente, do branco sobre o preto, da classe média sobre o favelado, do craque sobre o perna de pau – opressões, poderes. Enfim, falta-nos uma das virtudes teologais, a caridade, a irmandade, a bondade. Eu disse uma vez numa entrevista que nesses textos eu buscava investigar por que somos oprimidos e opressores ao mesmo tempo, e jogar essa ambivalência no próprio texto.

Você observa que Bete, a prostituta do conto *O verdadeiro filho da puta*, fala e mete, mete e fala. Sim, nela, a fala é um processo libertador, ela vai-se libertando pela palavra, está num processo de autoconhecimento, autoanálise, compreensão do seu papel social. E parte para a revolução pessoal.

Outra observação sua na mosca: “sociedade que migrou da pudicícia hipócrita para a ostentação sem limites do corpo;

de uma violência acobertada para a brutalidade generalizada”. Caro, até a violência é hoje ostentação! Ou não sabem os agressores que há câmaras filmando tudo?

Resumindo: muito obrigado pela sua leitura. E um abraço do

Ivan

PS – Vou anexar um depoimento que fiz na época, 79, para o *Estado* sobre cada conto de *A Casa de Vidro*. Pra você ver que nada ali é acaso. Embora as intenções do autor não tenham muita importância para outras leituras. Infelizmente é meio longo, não se sinta obrigado.

Depoimento sobre *Casa de Vidro*, cinco histórias do Brasil

(*O Estado de S. Paulo*, 02 de dezembro de 1979)

***A Casa de vidro*, uma história sem esperança**

A Casa de Vidro é uma história que fala da apatia da sociedade, da violência institucionalizada, da violência do Estado. Ela irrompeu na minha cabeça a partir de uma cena que eu vi na Estação Rodoviária de São Paulo. Alguns policiais haviam prendido um homem, um pobre coitado, numa daquelas casinhas envidraçadas que servem como centro de informações para os que chegam a São Paulo, ou partem daqui. E lá, diante de todo o mundo, davam socos e chutes e pisadas no homem. E ninguém fazia nada. Isso é o

que aconteceu conosco, nesses anos: o regime nos transformou politicamente, cientificamente, em olheiros. É o que o Lucien Goldman aponta, analisando os personagens de Robbe-Grillet: ausência de participação na vida social. Goldman chama a isso despolitização. E os próximos passos são a dessacralização, a desumanização, a coisificação. Então, ampliando aquela visão da rodoviária, eu imaginei a construção de uma repartição de investigação – tipo Operação Bandeirante – de vidro. Quer dizer: eu eliminei os muros, os porões, que no fundo no fundo eram apenas ficção, já que todo o mundo sabia o que se passava lá dentro. Eram como aqueles mantos acolchoados que os cavalos usam nas touradas: não servem para defendê-los dos chifres dos touros, servem apenas para o povo não ver suas barrigas furadas, o sangue escorrendo. Eu evito, é claro, o que seria óbvio: descrição de torturas. Tudo é visto através, e a informação da tortura também chega ao leitor por meio de recursos, digamos, poéticos, transparências. A própria fala dos homens-objetos, dos despolitizados, vem por meio de gravações, estilhaços de conversas captados por espionagem. É uma história, meio sem esperança, de modelagem de comportamento, em que a desumanização nivela todo o mundo: investigadores, investigados, olheiros.”

Achado, em busca dos mistérios

“O ponto de partida desta *novela-duas histórias acopladas* foi dar ao leitor base histórica para entender que os

problemas de hoje se encontraram em outras épocas. Foi a novela que me deu mais trabalho do ponto de vista de pesquisa: pesquisa histórica e pesquisa de linguagem. Para o leitor ver com seus próprios olhos que era assim mesmo, que não se trata de simples blablablá de ficcionista, eu tive de inventar, criar um documento histórico do Brasil Colonial, contando como eram as coisas. Mas contando assim como quem não quer nada, entremeando uma história detetivesca de busca de um ouro perdido nas montanhas de Minas. Então, temos de novo parte da história da conquista portuguesa. A linguagem do ‘documento’ é a escrita inculta dos viajantes, bandeirantes, comerciantes do século XVII, apesar de a data do documento ser do século XIX. O ‘documento’, na verdade, procura ligar o fim do século XVII ao princípio do século XIX. E, nessa história, eu procuro jogar a metáfora central da minha ficção: é preciso ler atrás das palavras.

As próprias epígrafes que precedem as cinco novelas são a ligação que está por trás da fragmentação das histórias. O que as une – e está visível nas epígrafes e na novela *Achado* – são as nossas raízes históricas.”

O Verdadeiro f.d.p, uma personagem forte, resistente

“Essa novela joga com muitos temas, como a representação de um papel, perda e recuperação de um papel, perda e recuperação de identidade, tortura. Para tratar desses temas, eu criei a história de uma prostituta que desconfia e descobre que seu filho foi trocado na

maternidade dez anos atrás. Isto é: ela estava criando o filho de outra mulher e essa criava o filho da prostituta. É na trajetória de procura do filho que ela toma consciência do seu papel. O desempenho de um papel pode ser visto sob dois níveis: a perda da identidade no nível psicológico e a atitude conservadora no nível social. O juiz, o médico, o engenheiro, o publicitário são representações, com seus gestos, sua roupa, enfim, suas linguagens. Quando a pessoa assume essa representação, com uma racionalização qualquer do tipo 'já que eu escolhi fazer isso, tenho de fazer direito, porque é o meu papel', ela diminui a subjetividade que possa haver entre ela mesma como indivíduo e o seu papel. Então ele se torna objeto do papel e perde a identidade. No nível social, pode-se dizer que os papéis são criados e distribuídos pela sociedade, e ela espera em troca um bom desempenho; um bom médico é o que mantém a instituição medicina, o bom juiz é o que mantém a instituição Justiça e assim por diante. Sair disso é anarquia. Mas há papéis que se formam contra a vontade da sociedade: o ladrão, o mendigo, o homossexual, a prostituta. Para correção desses desvios, há outras representações: polícia, psiquiatra etc. Bom, mas o caso da prostituta é interessante porque não é contra a vontade de toda a sociedade que seu papel se forma. O homem-senhor, que quer manter a mulher submissa, precisa dos dois papéis femininos, a santa que ele tem em casa e a devassa que ele tem fora. Contra o papel da prostituta estão as mulheres, as religiões e as chamadas reservas morais. Por aí se vê como o papel dela é ambíguo. Então, é tudo isso

que está por trás da minha história, e é a tomada de consciência dela, a partir da procura do filho, da tortura, que a tornam uma personagem forte. Acho que é a novela de que eu mais gosto no livro.”

A conquista, entre o sonho e a realização

“À primeira vista, esta é uma história sobre um tecnocrata moderno, um diretor financeiro de uma grande empresa, e a sua vida dupla em todos os níveis: o bom marido que não é bom marido, o grande libertino que mais pensa que é do que é mesmo, o grande amante que no fundo é só amante de si mesmo. Ele representa papéis, vários papéis durante a história, e só há encontro entre seu sonho e a realidade na função de diretor-executivo. Há, principalmente, o grande fosso entre seus sonhos sexuais e a realização. Eu tento desmontar o mecanismo dessa grande frustração num longo diálogo entre ele e um amigo, que tem a estrutura de um conto à parte, mas vai inserido nessa novela. Acho que é uma boa sacada, porque isso pega, sem escapatória, mais de metade dos homens brasileiros que estão beirando os 40 anos, dos homens urbanos da classe média para cima. Agora, há uma outra intenção do autor (sem falar nas outras intenções dos leitores) que é uma espécie de subtexto. A começar pelo título – *A Conquista*. Eu tento uma transposição, uma transplantação da Colonização para o nosso tempo, colonização da mulher e do trabalho, substituindo o mercador, o agente do mercantilismo internacional, dos séculos XVI a XVIII, pelo técnico de alto

nível. A expressão “conquista” era, inclusive, a que Portugal usava para designar suas colônias de África, Ásia e América.”

Sexta para sábado, a face de cada personagem

“Quando eu terminei de escrever essa novela é que percebi que ela tem uma estrutura muito parecida com a do meu romance *A Festa*. Há a apresentação dos personagens, depois eles se juntam e depois desenvolvo os que sobraram. As partes, inclusive, valem cada uma por si, como narrativa. Cada personagem tem sua face, cada história sua visagem. É uma novela que coloca o problema das matanças no Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense, como uma expressão da sociedade. E eu procuro incluir o leitor entre os assassinos.”

PERFIL/ JUAN MANUEL MARCOS/DOUGLAS DIEGUES

“Admiro no escritor a coragem para dizer e defender a verdade”

Entrevista histórica resgata a visão de literatura do escritor paraguaio



[Foto: Reprodução editada, Juan Manuel Marcos no tempo de exílio]

Douglas Diegues

Juan Manuel Marcos é escritor, poeta, ensaísta, narrador, professor universitário, crítico, doutor em filosofia e em letras. Durante seu exílio nos Estados Unidos, deu aulas em universidades de Oklahoma e da Califórnia. Escreveu o romance *El Invierno de Günter*, traduzido para mais de 20

línguas, entre as quais a russo e a chinesa. No Brasil, o romance, o único escrito até o momento, foi publicado pela editora 7Letras, do Rio de Janeiro. Sua coletânea *Poemas y Canciones*, a única também até o momento, foi publicada pela editora InVerso, de Curitiba. Ambos os livros tiveram tradução de Daiane Pereira Rodrigues, doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Juan Manuel Marcos também é autor dos premiados livros de ensaios *Roa Bastos*, *Precursor del Post-Boom* e *De García Márquez al Post-Boom*.

Após a queda do ditador Alfredo Stroessner, o escritor pôde regressar ao Paraguai e vir algumas vezes à fronteira de Ponta Porã com Pedro Juan Caballero lançar livros e fazer conferências. Numa dessas visitas, entreguei algumas perguntas por escrito a ele, que me respondeu semanas depois, por carta. A versão da entrevista que publicamos aqui é a primeira traduzida ao português. A versão original foi publicada em *Teyu'í* (lagartixa, em guarani), revista literária transfronteiriça editada por mim de 1991 a 1995.

Juan Manuel Marcos vive atualmente em Assunção, onde é reitor da Universidad del Norte. A conversa por escrito segue atual, conforme tive a oportunidade de lhe dizer recentemente. Vale a pena conhecer a palavra e o pensamento do escritor, considerado um dos intelectuais de mais sólida formação no Paraguai contemporâneo.

Douglas Diegues – Você acredita que a literatura pode fazer bem para a vida?

Juan Manuel Marcos – Sim. Como afirma Herbert Marcuse no nono capítulo, “A dimensão Estética”, de *Eros e Civilização*, a modernidade reprimiu o lado sensual do ser humano em benefício do seu lado racional, para adaptá-lo às condições desumanizantes da produção. Desse ponto de vista, a arte em geral e a literatura em particular contribuem com a recuperação do sentido do erotismo e do jogo que está ausente na neurótica sociedade contemporânea.

DD – O que você admira em um escritor?

JMM – Sua coragem para dizer e defender a verdade e sua disciplina de trabalho para extrair o melhor de seu talento.

DD – Como você percebe a situação da literatura paraguaia atual?

JMM – Há muitos talentos literários que carecem de estímulos, como prêmios e bolsas, assim como um contexto editorial e crítico mais estimulante. Esses talentos são ignorados no interior e no exterior do país por causa dos maus planos de estudos literários e da falta de promoção editorial e acadêmica.

DD – Qual seria a função da boa crítica literária?

JMM – A boa crítica deve estar em condições de explicar ao público as técnicas inovadoras, para alentar a renovação constante da expressão literária. A crítica acadêmica deve melhorar mediante o estímulo material e intelectual ao corpo docente das universidades, e a crítica jornalística deve melhorar mediante mais valorização de seus especialistas bibliográficos, permitindo-lhes dedicar-se exclusivamente a essa importante tarefa cotidiana.

DD – **Como você percebe o ensino de literatura atualmente nos países de língua espanhola no continente americano e, especificamente, no Paraguai?**

JMM – Devemos nos perguntar primeiro: para que serve a literatura? E responder: para formar o aluno em seus valores estéticos. A arte inspira, além do mais, valores éticos para a autossuperação, a nobreza e a solidariedade para motivar no aluno seu interesse pela leitura, em plena época de auge dos meios audiovisuais. Uma leitura atenta e crítica para despertar no aluno sua criatividade, associada com o mais elementar veículo expressivo: a linguagem (nem tudo é gramática nem estilo, mas sem uma disciplina verbal não se pode expressar com limpidez um pensamento e, sem um estilo polido, as ideias se expressam sem brilho próprio); e integrar o aluno na tradição cultural de sua língua, de sua região e de sua nação.

Logo devemos nos perguntar: quem deve ensinar literatura? E responder: alguém que ame literatura (sem essa motivação pessoal profunda, não se poderá motivar

ninguém a ter gosto por ela); um professor pago dignamente, que possa se dedicar por completo ao ensino e disponha de tempo e comodidade para ler e preparar suas aulas e avaliações, um profissional incentivado mediante concursos, promoções, prêmios, estabilidade e benefícios laborais, como licenças sabáticas; um professor com uma boa biblioteca literária própria, e um profissional bem formado, preferivelmente com uma licenciatura universitária em letras ou equivalente, e atualizado mediante assinaturas de revistas literárias profissionais e participação regular em eventos artístico-literários e cursos universitários de aperfeiçoamento.

“A arte em geral e a literatura em particular contribuem com a recuperação do sentido do erotismo e do jogo que está ausente na neurótica sociedade contemporânea.”

Logo devemos nos perguntar: que literatura devemos ensinar? E responder: a literatura paraguaia, hispano-americana e espanhola, de forma cronológica e integrada durante quatro anos.

O primeiro ano deve cobrir a Idade Média e o chamado Século de Ouro, com ênfase em seleções tais como o *Poema del Cid*, *El Lazarillo*, Lope de Vega, Cervantes,

Quevedo, Góngora, Calderón, Inca Garcilaso, Sor Juana e Ruy Díaz de Guzmán.

O segundo ano deve abarcar os séculos 18-19 e princípios do 20, com ênfase em seleções tais como Duque de Rivas, Becker, Galdós, Unamuno, Antonio Machado, José Hernandez, Martí, Darío, Solano López e Fariña Nuñez.

O terceiro ano deve abarcar a literatura propriamente contemporânea, com ênfase em seleções tais como Lorca, Cela, Gallegos, Vallejo, Borges, Neruda, Rulfo, García Márquez, Barret e Roa Bastos.

O quarto ano deve ser dedicado a estudos monográficos a fundo de umas poucas obras clássicas completas, com uma introdução às diversas teorias críticas como estilística, estruturalismo, marxismo e Bakhtin, e as referências às literaturas em outros idiomas, especialmente comparadas com a do idioma que se estuda no colégio.

E, finalmente, devemos nos perguntar: como ensinar literatura? E responder: ajudando a descobrir o prazer e a disciplina da leitura literária e sua discussão, mediante métodos grupais ativos e o exercício da escritura, desenhando programas abertos e dinâmicos, em que não estejam fixados conteúdos, se não objetivos, atentos às circunstâncias particulares e regionais de cada instituição; preparando e usando livros de referência, clássicos imprescindíveis e algumas assinaturas de revistas

essenciais como base, e orientando os alunos ao seu uso constante e eficiente.

DD – O poeta brasileiro Sérgio Rubens Sossélla disse uma vez que “quem se disponha a conciliar poesia com política articulará um monstro, inexoravelmente. A chamada poesia participativa não passa de um popularesco subdesenvolvido e ridículo, sempre autopromocional. O poeta político deseja arrancar estátuas para ocupar o lugar que elas ocupam”. Que lhe parece a chamada “poesia política”, ou “participativa”, ou “comprometida”?

JMM – A América Latina está cheia de admiráveis exemplos de poetas comprometidos politicamente em favor de uma sociedade mais humana, tanto em sua obra como em sua conduta como cidadãos. José Martí é um desses paradigmas, a ponto de ter dado a vida por seus ideais. Não obstante, o conteúdo político não deve ser imposto, pois deve ser fruto natural dos sentimentos de cada autor. E por outra parte, claro, a política não deve servir de pretexto para escrever uma literatura de má qualidade.

*“A palavra é a outra forma – às vezes proibida,
mas sempre invicta – do beijo.”*

DD – Você, além de poeta, escreveu um belo romance, *El Invierno de Günter*. Seus ensaios de crítica literária foram

premiados no México e são bastante respeitados. O próprio Roa Bastos (1917-2005) afirmou que você é um dos melhores estudiosos de sua obra. Seus poemas também o situam entre os melhores poetas paraguaios em atividade. Quem surgiu primeiro, o romancista, o poeta ou o fino crítico literário? Qual gênero lhe dá mais prazer?

JMM – Primeiro escrevi poesia e letras de canções, no começo dos anos 70. Depois escrevi um romance, que me custou muitos anos, de 1974 a 1987. O exílio me converteu em leitor profissional, assim me tornei também crítico literário desde 1978. Tenho grande prazer ao escrever tanto poesia como romance.

DD – Você também foi exilado político durante as últimas décadas da ditadura do general Alfredo Stroessner. Como foi a experiência do exílio?

JMM – Em 1977, a ditadura prendeu a maioria dos editores da revista literária *Critério*. A polícia tentou me forçar a declarar contra meus companheiros, eu me neguei e paguei essa atitude com quatro meses de asilo diplomático e 12 anos de exílio político. Vivi três anos em Madri e 12 anos nos EUA, primeiro Pittsburgh, Pensilvânia; logo em Stillwater, Oklahoma; e, finalmente, em Los Angeles, Califórnia. Acompanharam-me minha esposa Greta e meu filho mais velho, Sérgio. Em Pittsburgh, nasceu nossa filha Valéria. O exílio me ajudou a me conhecer melhor, a refletir sobre o Paraguai em perspectiva e a me comprometer ainda mais com a liberdade e a democracia, testemunho

quicá do qual é nosso filho Juan Diego, que nasceu o ano passado.

DD – O que você gostaria de dizer aos escritores que estão começando?

JMM – Aos escritores que se iniciam, recomendo coragem e disciplina, e aos amantes da literatura, que nunca esqueçam que a palavra é a outra forma – às vezes proibida, mas sempre invicta – do beijo.

POESIA/ JUAN MANUEL MARCOS

Julio Iglesias e outros poemas



[Foto: Reprodução editada, extraída do Instagram de Julio Iglesias]

Douglas Diegues, seleção e tradução

Os poemas abaixo integram o livro *Poemas y Canciones*, em que Juan Manuel Marcos (Assunção, 1950) reuniu parte de sua produção poética, com minha tradução. O livro foi encomendado pela mítica Alcándara Editora, de Assunção, e publicado em 1987. É o único volume de poesia publicado pelo autor até o momento e reúne sua produção poética dos anos 70 e 80. Alguns poemas são intimistas, como os poemas de amor; outros narrativos, como “Julio Iglesias”; e outros, mais épicos, têm como base a tragédia paraguaia da Guerra Guasú (Guerra da Tríplice Aliança, isto é: Brasil, Argentina e Uruguay contra o Paraguai). Alguns poemas

foram musicados. A maioria deles foi incorporada pelo autor em formato de prosa ao romance *El Invierno de Gunter*.

Julio Iglesias

(To Lisa and Hamilton Back
From the moor to the General)

Sempre pensei que Julio Iglesias
não fosse um dos meus cantores preferidos.
Sempre – tão comercial, tão estudado,
tão de família franquista.
Hoje é Halloween, esta festa de bruxas tão texana.
Minha esposa fantasiada com um lençol,
como se fosse Indíra (que morreu hoje),
acompanha minhas filhas, fantasiadas de Drácula e Strawberry
Shortcake,
para pegar os doces... trick or treat!
Sozinho na casa,
interrompido por outras crianças fantasiadas
que me dizem trick or treat,
me sento pra ver TV,

com um copo de Black Bull, o único escocês 100% proof.
que aprendi a beber em Rochester, Nebraska,
com meu amigo de Oklahoma, Hamilton Back,
especialista em Diderot.

E na TV Iglesias canta em italiano
a guarânia paraguaia Recuerdos de Ypacaraí,
em um estádio impressionante e noturno de Jerusalém,
com as letras superpostas de um canal de Dallas
(caso o telespectador esteja gravando ilegalmente
o histórico recital
em seu VCR comprado com MasterCard).

Iglesias diz a palavra guarani kuñataí
às garotas de Jerusalém.

E esses rostos sorriem
ao contato com a palavra guarani.

Rostos ruivos e morenos,
de olhos negros e azuis,
judeus de Israel, da Venezuela,
da Espanha, dos Estados Unidos, do Paraguai.

Os rostos unânimes sorriem.

Uma menina sobe ao palco,
e fala somente em sefardi,
e todos entendem.

Sempre pensei que Julio Iglesias
não fosse um dos meus cantores preferidos.
Agora não mais.

O ORIGINAL...

Julio Iglesias

(To Lisa and Hamilton Back
From the moor to the General)

Siempre pensé que Julio Iglesias
no era uno de mis cantantes favoritos.
Siempre – tan comercial, tan estudiado,
tan de familia franquista.
Hoje é Halloween, essa festa de brujas tão texana.
Mi esposa disfrazada com uma sábana,
como si fuera Indira (que murió hoy),
acompañó a mis hijas, disfrazadas de Drácula y Strawberry
Shortcake,

a recoger caramelos... trick or treat!

Solo en la casa,

interrumpido por el timbre de otros niños disfrazados

que me dicen trick or treat,

me siento a ver televisión,

com un vaso de Black Bull, el único escocés 100% proof.

que me enseñó a beber en Rochester, Nebraska, mi

amigo de Oklahoma, Hamilton Beck,

experto en Diderot.

En la tele Iglesias canta en italiano

la guarania paraguaya Recuerdos de Ypacaraí,

en un estadio impresionante y nocturno de Jerusalén

con las letras superpuestas de un canal de Dallas

(por si el televidente está grabando ilegalmente

el histórico recital

en su VCR comprado com MasterCard).

Iglesias les dice la palabra guaraní kuñataí

a las chicas de Jerusalén.

Y esos rostros sonríen

al contacto con la palabra guaraní.

Rostros rubios y morenos,

de ojos negros y azules

judíos de Israel, de Venezuela,

de España, de Estados Unidos, de Paraguay.

Y esos rostros unánimes sonrían.

Y una niña que sube al escenario,

habla solo sefardí,

y se le entiende.

Siempre pensé que Julio Iglesias

no era uno de mis cantantes preferidos.

Ya no.

Epigrama

Por você, meu amor, daria tudo.

A vida. A palavra. Inteiramente.

O que você pedisse e o que não pedisse. Tudo.

Te quero e isso basta.

O resto é poesia.

(1972)

O ORIGINAL...

Epigrama

Por vos, mi amor, yo daría todo.
La vida. La palabra. Enteramente.
Lo que me pidas y lo que no me pidas. Todo.
Te quiero y eso basta.

Lo demás es poesia.

(1972)

Distância

a Liliana y Marcelo Serrano

Teus cachos eram mechas de metal cor de tempo.
Quando chega, o orvalho a nostalgia te inunda.
Você não é você e você é tua sombra.
Tua pele é um esquecimento de mágicos retornos.
Morreram as estrelas austrais em silêncio,

antiga caravela de cinza.

Olhares, melodias residem em tua alma.

Chorando está o outono com os olhos ao vento.

Deixa-me recordar como eras.

(1969)

O ORIGINAL...

Distancia

a Liliana y Marcelo Serrano

Tu pelo eran cascadas de metal color tiempo.

Cuando llega el rocío te invade la nostalgia

Pareces no ser tú sino tu sombra.

Tu piel es ya un olvido de mágicos retornos.

Murieron las estrellas australes en silencio,

antigua carabela de ceniza.

Miradas, melodias residen en tu alma.

Llorando está el otoño com los ojos al viento.

Déjame recordarte como eras.

(1969)

À memória de Nils Olof Gustafson

Volver vale la pena
Aunque hayamos cambiado.

Cesare Pavese

Será esplêndido voltar depois de tantos anos.
Abraçar os nossos com júbilo impaciente.
Encontrar tudo tão diferente.
E descobrir, de repente, que nunca havíamos ido.

(1977)

O ORIGINAL...

A la memoria de Nils Olof Gustafson

Volver vale la pena
Aunque hayamos cambiado.

Cesare Pavese

Será lindo volver después de tantos años,
Abrazar a los nuestros com impaciente jubilo.
Encontrar todo tan cambiado.
Y descubrir, de pronto, que no nos hemos ido.

(1977)

FICÇÃO/ CONTO/ LUIZ ROBERTO GUEDES /

Don Juan da Casa Verde

“Naquele tempo – sem celular nem rede social –, não era nada fácil localizar um marido desaparecido”



[Fotos: Paulo Leite]

Luiz Roberto Guedes

O escritor tinha um amigo antigo, do tempo da calça curta e da bolinha de gude, lá em sua vila natal na zona norte da cidade. Estimava o camarada Mauro César Guerreiro por seu estilo algo folclórico: um falastrão presumido, fanfarrão, que aplicava sua lábia como revendedor de carros usados. Mas apenas tolerava seu traço mais ostensivo, um

donjuanismo obstinado, sempre pronto a exercitar seu charme um tanto cafajeste. Embora casado, com duas filhas, o personagem vinha visitá-lo, regularmente, para dar conta de suas escapadas extraconjugais. Colecionava conquistas. Como aquela, num centro público de saúde mental onde se consultava: disse que a psicóloga tinha colocado um bilhete no bolso de sua camisa. Um convite implícito: “Simpatizo muito com o senhor”.

Certa noite, Guerreiro apareceu acompanhado de uma mulher de uns trinta anos, bonita, sexy, elegante, cheirosa, chique. O escritor não imaginava onde ele poderia ter conhecido Ariane. Eram diferentes como vinho e óleo lubrificante.

Guerreiro trazia também uma garrafa de Cutty Sark, como presente, e propôs um brinde “ao amor, à amizade e à felicidade”. Tocaram seus copos e Ariane cravou os olhos verdes no anfitrião: “Você é uma pessoa sincera. Olha direto nos olhos. Gosto disso”.

O escritor sentiu o poder de atração daquele olhar. E observou como Guerreiro vibrava de contentamento a cada manifestação prosaica de sua conquista mais fabulosa. Segundo Aristóteles, esse é o poder do amor: compõe uma única alma, que habita em dois corpos.

Guerreiro nunca tinha lido uma única linha de Aristóteles, mas acabou descobrindo que havia mais *habitantes* em seu paraíso secreto. Ouvindo telefonemas furtivos de Ariane, teve a impressão de que ela “falava em código”. Por duas

vezes, quando ela estava no chuveiro, ele tinha atendido ligações em que uma voz de homem procurava por “Paloma”. Pois ela mesma confirmou sua suspeita: era “mulher de programa”, sim. Altiva, senhora de si, desafiadora. Ficou possesso, cobriu-a de nomes e de bofetadas.

Com o nariz sangrando, ela trancou-se na cozinha, interfonou para a portaria e mandou chamar a PM. Guerreiro achou melhor bater em retirada, antes que a viatura chegasse.

Guerreiro veio relatar esse desenlace vexaminoso. O escritor opinou que só lhe restava aceitar os fatos:

“Ela não faz *programa* com você, faz? Então. Converse com ela, tente consertar essa cagada”.

Porém, não era mais possível selar a paz sobre o sangue derramado. Guerreiro regressou ainda mais deprimido, lamuriando que Ariane tinha trocado as fechaduras da porta do apartamento. As chaves que ele ainda possuía não davam mais acesso ao corpo desejado.

O escritor achou aquilo altamente simbólico, lembrou de um blues clássico, *My baby changed the lock on my door*. Não teve mais notícia do caso, até que recebeu um telefonema num domingo de manhã.



“Roberto Gurgel? É Darlene, esposa do Mauro. Ele saiu daqui ontem dizendo que ia visitar você, e não voltou pra casa. Ele esteve aí?”

Gurgel procurou municiar seu amigo com meio álibi:

“Oi, Darlene. Olha, não sei dizer. Ontem fiquei fora o dia inteiro, voltei tarde da noite. Pode ser que ele tenha passado por aqui e não me encontrou.”

“Ele vai muito na sua casa, não é? Está sempre dizendo que vai dar um pulo aí. Mês passado, ele falou que bebeu demais e acabou dormindo no seu sofá. É verdade?”

“Sim, ele vinha com frequência, mas ando viajando muito, a trabalho, quase não paro mais em casa.”

“Obrigada, desculpe incomodar. Vem almoçar com a gente, um domingo. Você sabe que o Mauro preza muito a sua amizade.”

Naquele tempo – sem celular nem rede social –, não era nada fácil localizar um marido desaparecido. Na segunda-feira à noite, Guerreiro veio golpear a porta do escritor, que não estava em casa, mas sua vizinha do quitinete ao lado reportou fielmente o berreiro do visitante:

“Roberto Gurgel! Abre aí, seu canalha! Você quer acabar com o meu casamento, seu filho da puta? Custava você inventar uma historinha melhor pra proteger um amigo? Que porra de escritor é você, caralho?”

Uma porta se abriu e a voz enérgica da síndica ecoou pelo corredor:

“Moço! O senhor sabe que o regulamento do condomínio ordena silêncio depois das dez da noite? Faça o favor!”

Guerreiro expectorou seu adeus:

“Vai-te foder, Gurgel! Você não merece minha amizade, seu traidor! Escritorzinho de merda!”

E nunca mais deu as caras. Nem mesmo com o surgimento das redes sociais. Escrevendo agora essa história jamais

contada, o escritor ainda acredita que teria sido bem melhor se o Don Juan da Casa Verde tivesse continuado sua terapia com a psicóloga concessiva do serviço público de saúde mental.

POESIA/ POP-POEMA SELVAGEM/ OLEG VYSOKOLAN/

La hija de Thor

Versões em espanhol-guarani e em portunhol selvagem



[Ilustração: Douglas Diegues]

Kobenhaguen, 24 de agosto 1973

Una cafetería novecentista, bohemia, extravagante, sobre
Fiolsstrade, no lejos de Folkeuniversitet

Como su otrora asiduo huésped, Soren Kierkegaard

Gente extravagante, bohemia, artistas y mujeres bellas con
collares de caracoles

La flauta mágica de Jethro Tull, el solo de batería de René
Wulff y la voz rítmica implacable de solo una octava de Billie
Holiday, solazan el ambiente

Fragancia de olores mágicos provenientes de Marruecos,

Dan alas al imaginario

Me siento che'ñoitemi en una mesa redonda de mármol
moteada, hyggelig, dos velitas, una flor violácea y sillas
torneadas

Justo frente a la foto más grande de Kierkegaard

Aquella en blanco y negro, de frac, sombrero hongo, gafas
redondas, paraguas en la mano izquierda, un bastón colgado
del brazo y lenguas barbas, caminando provocativo y
extravagante por Gaagade

Abro por el medio el libro *Así habló Zaratustra*, de Nietzsche

Simulo leerlo concentradamente por horas

Y entonces, con el resplandor del relámpago de Thor

El temible dios nórdico del trueno y el rayo

Emerge de los fondos de los fiordos escandinavos

Ella. La hija de Thor

¡Gloggg, gloggg, Ndiiiiira, fo'soren!

¡No puede ser!

Un vestido rojo, elegante, solemne y una carterita negra al
hombro. Única

Minuciosamente desliza los guantes de cada uno de sus dedos y
los coloca delicadamente sobre la mesa redonda

Entrecruza impúdicamente las piernas hasta el mismísimo
fondo, prende un cigarrillo y pide dos rayas de snap, aquella de
Aalborg, de 48 grados

¡Ndèra, ¡Che kapelu!

También como el rayo, le lanzo un resplandor

Ella lo elude imperturbable, soberbia, casi como un ninguneo

Acobardado, simulo leer detenidamente a Nietzsche

Entonces, exactamente en su séptima raya

¡Ndeeeera, kapelu!

Veo su guante en el piso

“¡Oh, tak ska' du ha', muchas gracias, no me percaté ¡hvor
skammelig! ¡Qué vergüenza!”

Y vi sus ojos, vi su sonrisa

Sentí que me dijo, “me gustas”. Ella. La hija de Thor

¡No lo podía creer!

Me recojo de nuevo con fuertes latidos detenidamente a mi
lectura

Y entonces, ¡nde zapature chera`àto!

Exactamente en la undécima raya de dos rayas

Vi de nuevo su guante en el piso

Chera'ato, al atardecer, en su apartamento de Nyt Havn, frente a los canales de Kobenhavn

“¡Vamos a festejarlo!”

Una pasta con algas de las profundidades de los hielos de Groenlandia, salmones de los mares de Marte y unos hongos blancos de Neptuno, de copas amarillas como el resplandor del sol

De postre, una flor quemada de los bosques de Lorito Picada del Ka'aguasu

“Te lo prepararé especialmente”

“Es la preferida de mi padre, Thor”

Ese atardecer, en las aguas de un caudaloso y tibio río guaraní

Y con la hija de Thor encajada a mi cuerpo

Asombrado vi por primera vez

Sobre el cielo de Dinamarca

Un mbokapu infernal

Diluvio de truenos, relámpagos rasantes, rayos llameantes, lluvias diluviales, tormentas arrasadoras

En un cielo delirante de estrellas

“No te preocupes, mi padre está feliz. Lo está festejando”

Y la gente danesa, los ancianos decían

“tranki, tranki, no se asusten, la hija de Thor encontró a su hombre”

¿Quién es?

El holgazán de Oleg

Que nunca leyó a Nietzsche

De eso hoy, hace 47 años

Happy day Lone, che rembirekomi

Loviu, beibi

Beibi wild

¡Ne' añamembyre!

GLOSSARIÓNCITO:

Apyka: Assento, banco, cadeira.

Che añoitemi: Estoy muy sozinho.

Che rembirekomi: minha esposa querida.

Ndera ¡che kapelu!: Queeee karajo ¡mio amigo!

Nde zapature chera'áto: ¡Uau my friend!

!Ne'añamembyré!: ¡Al demonio!

Ndiiiiira: ¡Queeee karajo!

BERSIÓN TELETRANSPORTADA AL PORTUNHOL SELVAGEM POR DOUGLAS DIEGUES

La filha de Thor

Oleg Vysokolan

Kobenhaguen, 24 de agosto 1973

Um café nobicentista, bohemia, extravagante, sobre
Fiolsstrade, non longe de Folkeuniversitet

Como seu outrora assíduo hóspede, Soren Kierkegaard

Gente extravagante, boemia, artistas y yiyis belas com colares
de caracoles

La flauta mágica de Jethro Tull, el solo de batería de René
Wulff y la voz rítmica implacábel duma só oitava de Billie
Holiday deixam el ambiente ensolarado

Fragrância de olores mágicos made in Marrocos dan alas al
imaginário

Me siento che'añoitemi a uma mesa redonda de márml
moteada, hyggelig, duas veliñas, uma flor violácea y apykás
torneados

Justo frente a la foto gigante de Kierkegaard

Aquela en P&B, de frac, sombrero hongo, gafas redondas,
guarda-chuva en la mano izquierda, uma bengala nel brazo y
lenguas barbas, caminando provocativo y extravagante por
Gaagade

Abro nel mezzo el libro *Así Habló Zaratustra*, de Nietzsche

Simulo que lo leo concentradamente por horas

Entón con el resplendor del relámpago de Thor

El feroz dios nórdico del rayo y del trovón

Emerge de los fundones de los fiords escandinavos

Ela. La filha de Thor

¡Gloggg, gloggg, Ndiiiiira, fo'soren!

¡Non pode ser!

Un vestido puytã, elegante, solene y una carterita negra al
hombro. Única

Minuciosamente desliza las luvas de cada um de los dedos y las
coloca delicadamente sobre la mesa redonda

Entrecruza impudicamente las pernas hasta el mismísimo
fondo, acende um cigarrillo y pede duas linhas mais de snap,
aquella de Aalborg, 48°

¡Ndèra, ¡Che kapelu!

También como el raio, lanzo un resplendor

Ela lo elude imperturbábelles, soberba, quase como um
ninguneo

Acobardado, finjo ler detenidamente a Nietzsche

Enton, exactamente na séptima raya

¡Ndeeeera, kapelu!

Vejo suas luvas nel piso

“¡Oh, tak ska’ du ha’, muchas gracias, non me había dado cuenta, ¡hvor skammelig!

¡Qué vergüenza!”

Vi sus ojos, vi sua sonrisa

Sentí que me disse, “me gustas”. Ella. La hija de Thor

¡Non lo podía creer!

Regreso de nuevo con fuertes pulsares detenidamente a mi lectura

Entonces, ¡nde zapature chera`àto!

Exatamente na undécima raya de dos rayas

Vi de nuevo suas luvas nel piso

Chera`àto, al atardecer, en su apartamento de Nyt Havn, frente a los canales de Kobenhavn

“¡Vamos a celebrá-lo!”

Uma pasta con algas de las profundidades de los gelos de Groenlandia, salmones de los mares de Marte y unos hongos blancos de Neptuno, de copas amarillas como el resplandor del sol

De sobremesa, una flor quemada de los bosques de Lorito Picada del Ka’aguasu

“Preparei especialmente para usted”

“Es la preferida de mio padre, Thor”

Nesse fim de tarde, en las aguas dum caudaloso y túbio río guaraní

la hija de Thor encajada a mio corpo

Asombrado pude ver por primera vez

Nel cielo de Dinamarca

Um mbokapu infernal

Diluvio de truenos, relámpagos rasantes, rayos llameantes,
lluvias diluviales, tormentas arrasadoras

Num cielo delirante de estrellas

“Non te preocupes, mio padre está com
uma sonrisa en los labios. Lo está festejando.”

Y la gente danesa, los ancianos diziam

“tranki, tranki, non se assustem, la hija de Thor encontrou seu
avá”

¿Quién es?

El vagabundo de Oleg

Que nunca leyó a Nietzsche

De eso hoy, faz 47 años

Happy day Lone, che rembirekomi

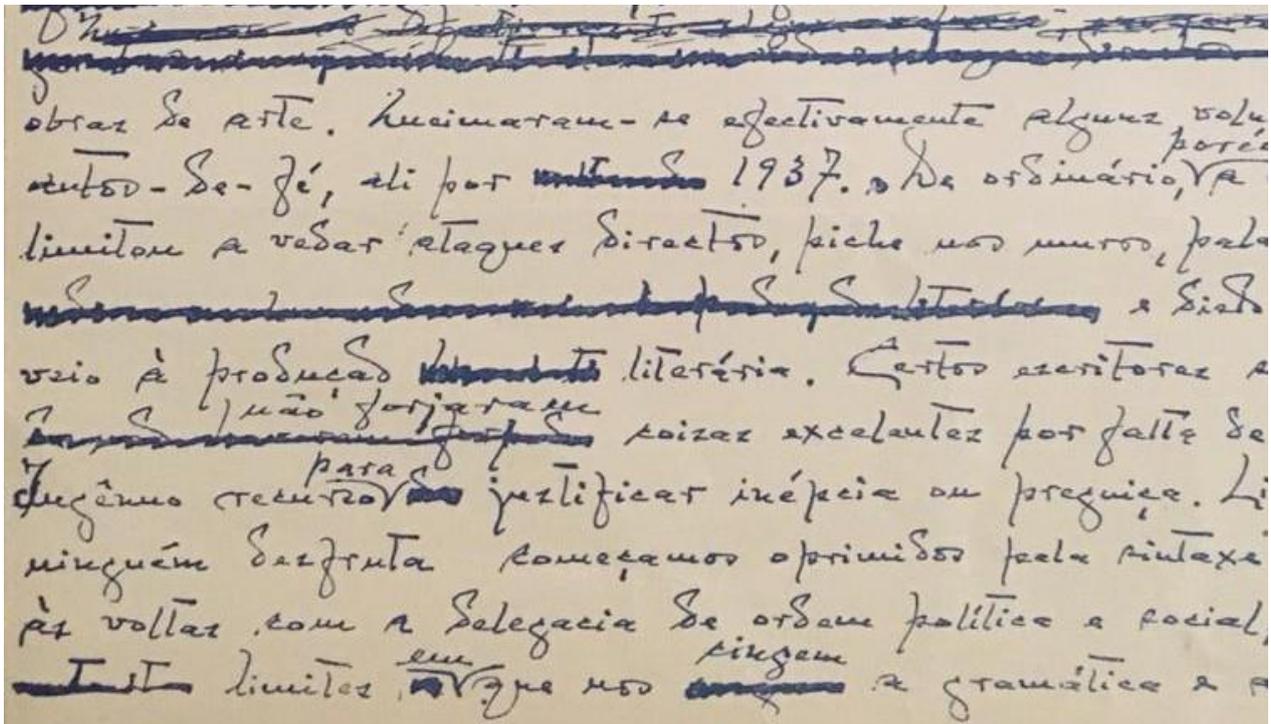
Loviu, beibi

Beibi wild

¡Ne’ añamembyre!

ENSAIO/ LI E ANOTEI/ GRACILIANO RAMOS/EDNEY CIELICI DIAS

Liberdade e disciplina de escrever em uma página de Memórias do Cárcere



[Foto: reprodução de manuscrito de *Memórias do Cárcere*]

Edney Cielici Dias

Quais são os limites da liberdade de escrever? Como eles se manifestam? Somos vítimas daquilo que nos reprime? Se sim, como devemos nos posicionar? Essas indagações têm respostas surpreendentes em *Memórias do Cárcere*.

Em 1936, Graciliano Ramos (1892-1953) foi acusado de participar da Intentona Comunista do ano anterior. O Estado Novo se anunciava. A acusação formal nunca chegou a ser feita, e Graciliano foi preso sem provas e sem processo. A

descrição aguda dos sofrimentos próprios e dos prisioneiros, políticos e comuns, é o retrato de um Brasil historicamente marcado pela violência e pelo desrespeito aos direitos civis. Há que se conhecer a história, há que se recordar dela para interpretar a atual realidade de barbárie, dentro e fora dos presídios.

Assim como Graciliano, diversos expoentes da política e da inteligência brasileira foram parar nas prisões naquele momento. O livro retrata no cárcere, por exemplo, Nise da Silveira, responsável por desbrutalizar a psiquiatria no país (1905-1999), e próprio Barão de Itararé, também alcunhado Apporelly, expoente maior do humor nacional (1895-1971). Dá para imaginar esses seres humanos raros, iluminados, presos e expostos a condições subumanas?

Sim, o país, em diversos graus e diversos momentos, não suporta muito a contestação, a diversidade de pensamento. Certamente não é exclusividade nossa, mas se liga bem a nosso atraso. Na mentalidade autoritária, a inteligência é inconveniente, e a visão alternativa, se bobear, é criminalizada. Não temos mais ditadura, é verdade, mas quanto, realmente, mudamos?

Nos trechos que quero destacar, Graciliano não se coloca como vítima, no entanto. Não, o escritor trabalha em seu contexto e cabe a ele, com competência, zelar pelo que produz sem muitas lamentações. Vejamos trechos de uma página:

“Certos escritores se desculpam de não haverem forjado coisas excelentes por falta de liberdade talvez – ingênuo recurso de justificar inépcia ou preguiça. Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer. Não será impossível acharmos nas livrarias libelos terríveis contra a república novíssima, às vezes com louvores dos sustentáculos dela, indulgentes ou cegos. Não caluniemos o nosso pequenino fascismo tupinambá: se o fizermos, perderemos qualquer vestígio de autoridade e, quando formos verazes, ninguém nos dará crédito. De fato, ele não nos impediu escrever. Apenas nos suprimiu o desejo de entregar-nos a esse exercício.

[...]

“De alguma forma nos acanalhamos. Por que foi que um dos meus livros saiu tão ruim, pior que os outros? pergunta o crítico honesto. E alinha explicações inaceitáveis. Nada disso: acho que é ruim porque está mal escrito. E está mal escrito porque não foi emendado, não se cortou pelo menos a terça parte dele.

[...]

“Quem dormiu no chão deve lembrar-se disto, impor-se disciplina, sentar-se em cadeiras duras, escrever em tábuas estreitas. Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze. Contudo é indispensável um mínimo de tranquilidade, é necessário afastar as miseriazinhas que nos envenenam.”

(Graciliano Ramos, Memórias do Cárcere, vol. 1, 15ª edição, pág. 34, Editora Record, 1982)

Os limites da liberdade na escrita estão mapeados pelo mestre: sintaxe e política. Podemos transgredi-las, por que não? Mas com veracidade e disciplina. Quem escreve se equilibra em tábuas duras. Você já notou isso?

PERFIL/ GUARANIA/CRISTINO BOGADO

Os cem anos de uma revista cultural paraguaia

Publicação foi marco cultural de 1920 a 1948, sendo editada, em diversas fases, em Assunção e Buenos Aires



[Imagens: Reprodução]

Cristino Bogado

Há cem anos, Juan Natalicio González Paredes (1897-1966) fundou a *Guarania*, a mais antiga e importante revista cultural no Paraguai. "Rir dos tolos e dos feios sempre será

uma forma de servir à beleza!" (editorial do primeiro número da publicação).

Nela, podía-se ler Maeterlinck, Rimbaud, Alberti, Oscar Wilde, Rafael Barrett, Julio Correa, Boggiani, G.B. Shaw, Borges, Molinas Rolón, Heriberto Hernández, dona Dora Bueno de Acuña (a Safo guarani), Bergson, Cadogan, Giménez Caballero, Cansino Assens, Frankl, Juan E. O'Leary... e as próprias obras do seu diretor, Natalicio González, futuro presidente do Paraguai (1948-1949) e sofisticado escritor, como se pode ver no poema abaixo:

Credo (fragmento)

Creo en Tupang, mi fuerte Dios nativo,
En su poder para abatir al malo,
Y en Curupí, ser rústico y lascivo
Que arrastra su enorme falo.

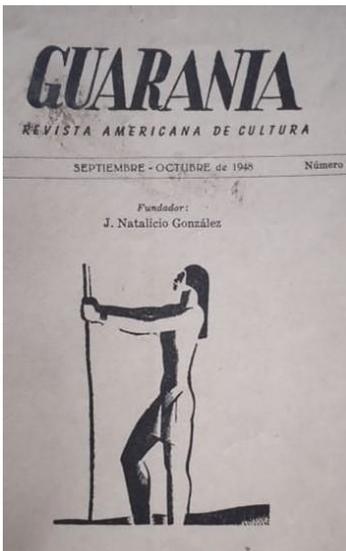
Me sobrecoge el grito del Pombero
en la benigna noche opalescente
cuando remeda el canto del jilguero
o bien el silbo de veloz serpiente.

O nome da revista vem de uma série de palestras proferidas no Museu de História Natural em julho e agosto de 1913,

pelo estudioso suíço radicado no Paraguai Moisés Bertoni, que pela primeira vez utilizou a palavra Guaranía. O poeta Molinas Rolón, relacionado com a revista *Crónica*, compareceu a essas palestras, que motivaram seu poema onde o neologismo criado por Bertoni reaparece:

Y fue también Guaranía, la región prometida
 como tierra de ensueño, de ilusión y de vida,
 tierra donde crecieron las flores suntuarias
 de robustas pasiones y gestas fabularias...

(“En la fiesta de la raza”, en *Parnaso Paraguayo*, 1925)



Guarania abriga em suas páginas escritores do Novecentismo paraguaio, incluindo os do grupo *La Colmena* (1907) e das revistas *Crónica* (1913-1914), *Letras* (1915), *Juventud* (1923-1926), *Guaran* (1939). *Guarania* cobre quatro períodos entre 1920 e 1948. O primeiro cobre o ano de 1920, com sete edições; a segunda, de 1933 a 1937, é a mais fecunda; o terceiro é publicado em Buenos Aires e vai de 1942 a 1944; e a quarta, cuja coleção inclui sete números, surge e termina em 1948.

**CATA-VENTO/ LENDA/ MÔNICA RODRIGUES DA COSTA /PAULA
MEDEIROS DE OLIVEIRA**

O nascimento da noite

Lenda tupi, recolhida pelo general Couto de Magalhães, conta como todas as coisas e seres se modificaram na Terra e de onde vieram o cujubim, o inhambu e o macaco



[Ilustrações: Douglas Diegues]

**Mônica Rodrigues da Costa
Paula Medeiros de Oliveira***

No princípio do mundo, os humanos, os animais e as plantas eram iguais e viviam juntos.

As pessoas e os bichos ficavam acordados o tempo inteiro. A noite ainda não havia acontecido. Estava dormindo nas águas. Alguns animais ainda não tinham sido criados, e tudo falava.

Cobra-Grande era um pajé e foi quem tudo começou. Era ele quem guardava a noite no fundo do rio. Os pajés são índios capazes de fazer rituais mágicos para afastar espíritos malignos ou para curar doenças.

Cobra-Grande tinha uma filha que também fazia pajelanças. Essa índia se casou com um rapaz que tinha três irmãos. Eles viviam sempre juntos, caçando, pescando, colhendo frutos. Também usavam palha para construir casas e cultivavam roças.

Certo dia, quando os três garotos foram colher mandioca, o marido convidou a mulher para dormir. Ela disse:

- Ainda não é noite.

- Mas não existe noite - o marido comentou.

A moça contou a ele que seu pai escondia a noite no grande rio.

Quando os irmãos voltaram, o rapaz pediu que fossem à casa de Cobra-Grande buscar a noite. A moça explicou que ela estava guardada num caroço de tucumã, fruto de uma palmeira do Amazonas.

Os três viajaram de canoa até o grande rio, onde ficava a casa de Cobra-Grande. Assim que chegaram, o pajé entregou a eles o caroço de tucumã e avisou:

- Eis a noite! Cuidado para que a semente não seja aberta. Se isso acontecer, as coisas deixarão de ser como são.

O trio voltou para a canoa morrendo de curiosidade. Do caroço saía um barulho assim:

- Ten, ten, ten... xii, xuá, ssii, trii... coax, coax...

Os sons pareciam sapos, corujas, grilos e outros bichinhos que cantam no escuro.

Os irmãos seguiram viagem. Quando estavam perto da casa da filha de Cobra-Grande, um deles sugeriu:

- Vamos abrir a semente e descobrir que barulho é esse?

- Precisamos obedecer a Cobra-Grande para que as coisas não se embaralhem - disse o outro.

Eles continuaram viajando até que o terceiro rapaz parou a canoa. Sem controlar a curiosidade, os três acenderam uma fogueirinha, derreteram o breu que fechava o caroço de tucumã e abriram a semente. De repente, tudo escureceu.

Em casa, a índia falou ao marido:

- Eles soltaram a noite, tudo está se modificando...

Todas as coisas que estavam espalhadas pela floresta se transformaram em animais e pássaros. O que estava espalhado pelo rio virou peixe. De um cesto de vime, nasceu a onça.

Um pescador estava no rio com sua canoa. Eles se transformam em pato. Da cabeça do pescador, nasceram a cabeça e o bico do pato. Da canoa, o corpo. Dos remos, as pernas do pato.

A filha de Cobra-Grande viu a estrela-d'alva e revelou ao marido:

- A madrugada chegou. Vou separar o dia da noite.

Enrolou um fio de cabelo e disse:

- Você vai ser o cujubim!

E o cujubim apareceu.

A moça pintou a cabeça do cujubim de branco, com uma tinta que se prepara com tabatinga, um tipo de argila. Pintou as penas do cujubim de vermelho, com urucum, e determinou:

- Você vai cantar sempre que a manhã estiver raiando.

A moça enrolou outro fio, pegou um pouco de cinza da fogueira, sacudiu em cima dele e disse:

- Você vai ser o inhambu!

E o inhambu apareceu para cantar nas diversas horas da noite e da madrugada.

De lá pra cá, todos os pássaros cantam, cada um no seu tempo, para alegrar a noite, a madrugada e o nascer do dia.

Quando os três voltaram, o irmão falou:

- Vocês desobedeceram, abriram o caroço de tucumã, soltaram a noite e todas as coisas se modificaram. Por isso vocês vão virar macacos, com o destino de andar para sempre pelos galhos das árvores.

Dizem que a boca preta e a listra amarela que os macacos-de-cheiro têm no braço são o sinal do breu que fechava a semente de tucumã e que escorreu sobre eles quando foi derretido.

Depois que o dia e a noite passaram a existir, o céu ficou bem mais perto da terra do que é hoje. As nuvens podiam ser tocadas com as mãos. Então, os passarinhos desejaram voar mais alto e resolveram levantar o céu um pouco mais. Convidaram o morcego para ajudar, mas ele não queria que o céu mudasse. Cada um desejava uma coisa. Os

passarinhos levantavam o céu bem alto. O morcego puxava o céu para baixo de novo. As aves fizeram tudo sozinhas. É por isso que até hoje o morcego dorme pendurado pelos pés, de cabeça pra baixo.

* **Paula Medeiros de Oliveira** é jornalista e psicanalista e membro do Departamento de Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae. É coautora da coleção de oito mitos *Lendas e Fábulas Brasileiras* (ed. Maltese, 1995), entre elas “Como Nasceram os Pássaros”, “A Lenda da Mandioca” e “O Nascimento das Estrelas”.



CATA-VENTO/ POESIA/ MÔNICA RODRIGUES DA COSTA

E PAULO PEDRO P. R. COSTA

O Salto do Jaguar, um poema para adultos e
crianças



[Ilustração: Douglas Diegues]

Mônica Rodrigues da Costa e Paulo Pedro P. R. Costa

Espera.

Mata de um salto o jaguar

– ruge antes de caçar.

Antas e capivaras

param na mata.

Aves e macacos
ficam mudos
feito cadáveres.

O jaguar marca o território
com as garras escritas nas árvores.